

“UM ESTUDO ACERCA DA IDÉIA DE HISTÓRIA NA ESTÉTICA DA EXISTÊNCIA DE MICHEL FOUCAULT”

"A STUDY ON THE IDEA OF HISTORY IN THE AESTHETICS OF EXISTENCE OF MICHEL FOUCAULT"

Priscila Constantino Sales, Hélio Rebello Cardoso Júnior.

Campus de Assis – Faculdade de Ciências e Letras – História - pri.tigermilk@gmail.com - PIBIC/CNPq.

Palavras-chave: História, Foucault; Subjetivismo.

Keywords: History, Foucault; Subjectivism.

1. INTRODUÇÃO

As relações estabelecidas pelos indivíduos durante a História promovem transformações na formação da identidade pessoal de acordo com a verdade fixada ao período. Tornar-se sujeito e possibilitar o governo de si representariam a construção de uma ética com a própria existência (DREYFUS, H. & RABINOW, 1995). A essa relação, Foucault dá o nome de estética da existência.

Comumente, a obra foucaultiana é dividida em três fases: Arqueologia (anos 60), em que se trabalha o historicismo e a problemática dos saberes dentro de cada divisão de época (epistemes); Genealogia (anos 70), complementando a anterior e movendo o foco de pesquisa para as relações de poder e seus mecanismos disciplinares, intervindo junto à construção dos saberes.

O intuito do presente trabalho é mostrar de que maneira as inovações teórico-metodológicas propostas pelo pensador se enquadram no panorama de uma análise histórica, especificamente no que Foucault priorizou e praticou em uma (curta) terceira fase de sua obra, chamada de Estética da Existência. (FOUCAULT, 1984, 1985). Contudo, parte-se do pressuposto de que esse período da obra de Foucault apresenta relações de continuidade com o pensamento do autor presente nas fases anteriores.

O cerne da reflexão centra-se na análise acerca da historicidade dos modos de subjetivação e a trajetória do indivíduo para chegar à efetiva realização da virtude e do autogoverno. Trata-se de entender a subjetividade como estando sujeita ao tempo e, portanto, como inserida em uma série de modos históricos.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E OBJETIVOS

2.1 Fundamentação Teórica

Para Foucault a maneira como o homem lida historicamente com seu corpo e com o prazer por meio de experimentações éticas, define-o perante a formação de sua individualidade (FOUCAULT, 2006). A partir de uma reflexão acerca da historicidade da constituição individual e do papel das condutas nessa formação, algumas questões são suscitadas: de onde advêm as práticas e os saberes? Seriam estes instintivos aos indivíduos ou frutos de uma objetivação que se configura mediante as particularidades históricas? Qual a influência das configurações históricas na verdade particular?

Para dar conta desses questionamentos, Michel Foucault desenvolve um método característico de análise, propondo um exame dos discursos. Entendendo-os não como um termo técnico, mas simplesmente “do que se fala”. Apontando as práticas, como forma de encontrar nas condutas a resposta para as formulações históricas específicas de constituição dos objetos e da substância ética e moral dos indivíduos.

Foucault aplica sua metodologia nas diferentes delimitações históricas, partindo da Antiguidade Clássica até quase chegar ao que convencionou nomear de sociedade de disciplinar. A análise contrapõe duas moralidades: uma é apresentada como tendo base

na sujeição do corpo por meio de códigos e dominação das forças naturais; a outra dá caráter positivo ao “desejo” e ao “prazer” (CARDOSO, 2005), como forma de construir-se eticamente através de uma experimentação prudente dos encontros.

Em cada período, um campo específico de articulação da prática, negando a idéia de continuidade e verdades trans-históricas, há muito usadas pelos historiadores (MOTTA, 2000). Peculiarmente, Foucault analisa os processos de subjetivação dos indivíduos lidando com a multiplicidade da verdade ao longo do tempo e, na Estética da Existência, a sexualidade como um dispositivo histórico sustentado por discursos, saberes e poderes.

Este trabalho procura analisar a novidade que a chamada terceira fase da obra de Foucault traz, novidade esta que se encontra na inserção das técnicas de si e sua interação com as técnicas de dominação (disciplinas). Como forma de análise histórica, esta inserção acabará por dar enfoque a uma subjetividade como processo ou prática.

2.2 Objetivos

- Caracterizar as condutas éticas e morais dos indivíduos e sua relação com as especificidades temporais;
- Pesquisar o conceito foucaultiano de “prática”, especialmente sua aplicação na Estética da Existência;
- Promover um diálogo entre a metodologia foucaultiana e o olhar de outros historiadores acerca do historicismo de Foucault.

3. METODOLOGIA

Trata-se de uma análise bibliográfica, e tem como proposta o estudo da idéia foucaultiana de História e para tanto tem como método a explicitação de conceitos foucaultianos - especialmente na fase conhecida como estilística da existência - como forma de promover uma reflexão acerca dos processos históricos de subjetivação, e estabelecer uma relação entre as condutas morais, a formação ética dos indivíduos e as configurações historicamente definidas. Tal proposição é feita tendo em vista que a última fase de Foucault apresenta fundamental importância por representar uma intersecção das pesquisas anteriores com a formação do sujeito e a multiplicidade das verdades históricas; e porque atenta para o período menos conhecido para historiadores, pois aparentemente se coloca ao largo da alçada historiográfica, particularmente, do veio central da Nova História Cultural (CARDOSO, 2009).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Pode-se constatar que Foucault se mostrava um autor preocupado com a ética e a política, sempre atento a entender como essas se articulava dentro do processo histórico. Contudo, podemos dizer que a questão que se coloca na terceira fase de sua pesquisa é: Quais são as práticas pelas quais nos tornamos sujeitos?

O que acontece nessa nova fase de Foucault é uma inversão no enunciado da pergunta que se costumava fazer, por exemplo: em vez de acreditar que existe algo chamado sexualidade, passa a considerar que a sexualidade pode ser tratada segundo práticas tão diferentes, de acordo com as épocas, que a sexualidade passa a ter apenas um nome em comum. (VEYNE, 1995). Percebe-se então que ao olhar a história pelo viés das práticas, se busca analisar as sociedades e as pessoas pelos seus atos e não mais a partir de grandes noções universais.

Cabe aqui, também, salientar o que Albuquerque (ALBUQUERQUE, 2007) chamou “os maus costumes de Foucault”: o autor coloca que o pensador rompe com a

idéia de costume que até então se encontrava na historiografia e a coloca como uma ferramenta de análise histórica libertadora e em prol da liberdade do indivíduo. Isto ocorre por que parte-se de uma reflexão ética e não moral dos costumes/práticas. Desloca-se assim da sujeição da tecnologia da produção de sujeito e de corpos dóceis para um momento de subjetivação da construção de espaços de liberdade, onde os sujeitos passam a constituírem a si mesmos a partir de práticas que resistem aos códigos. A história do costume passa então a libertar nossa relação com as práticas e a abrir novas possibilidades de se pensar o novo.

Esse trajeto de pesquisa está de acordo com uma análise crítica feita por Foucault e ao que ele chama de objeto natural, que se encontra nas verdades universais, nas ideologias, na história dualista (governo e governados, desejo e repressão). Ou melhor; para Foucault generalizações como: Governo, Sexualidade, Loucura, são termos criados pela história e não pela consciência. Cria-se assim um falso problema e acaba-se por dissimular o caráter heterogêneo das práticas. A solução encontrada por Foucault para uma não generalização foi a da objetivação do objeto, a qual nunca será a mesma, pois é historicamente constituída (RAGO, 1995).

Foucault apreende as práticas, os discursos e os cortes epistemológicos como um método eficaz para análise histórica, e aqui se encontra a idéia foucaultiana de verdade. Ocorre que para Foucault, segundo Veyne (VEYNE, 1995), a verdade é totalmente explicável, pois esta se encontra nos recortes do tempo e em se indagar sobre as práticas que se exerciam sobre determinado objeto, e não em tomar o objeto natural e procurar uma verdade contínua sobre ele. A consciência não é constituinte, mas constituída, ou melhor: “o que acontece é que, no que concerne à sexualidade, ao Poder, ao Estado, à loucura, e a muitas outras coisas, não poderia haver verdade nem erro, já que essas coisas não existem” (VEYNE, 1995, p. 274).

Ao mostrar que o que existe são efeitos de verdades, Foucault acaba por destituir a idéia racional que os historiadores vinculavam ao objeto histórico, eliminando os termos vagos e nobres, que encontramos no próprio conceito de verdade universal. Para o autor, os objetos de uma ciência e a própria noção de ciência não são verdades eternas, “e, certamente, o Homem é um falso objeto: nem por isso as ciências humanas se tornam impossíveis, mas são obrigadas a mudar de objeto (VEYNE, 1995, p. 274). Ou seja, a fecundidade da metodologia que Foucault propõe encontra-se em desconstruir as grandes verdades históricas, eliminando a racionalização das análises e mostrando que a própria consciência é constituída pelas condições histórica.

5. CONCLUSÕES

A nova proposta trazida por Foucault é realizada a partir de uma genealogia histórica, por meio de um mapeamento dos atos, dos discursos, das temporalidades e suas composições particulares. Podemos concluir assim, que a inversão que o método foucaultiano procurou fazer no enunciado da análise histórica, “opera-se em uma revolução científica” (VEYNE, 1995)

Faz-se necessário, portanto, pontuar a importância na obra de Foucault de conceitos como prática: singularizando os eventos e suas especificidades, e efeito verdades: rompendo com uma linha teórica que compreende o objeto histórico por um viés de uma verdade universal. Sendo assim, o método foucaultiano prezou por dar atenção às grandes transformações históricas para entender como de fato ela articula o passado e o presente sem praticar generalizações que a muito a história tentava explicar.

Torna-se possível destacar um dos principais ganhos em relação às mudanças teórico-metodológicas na obra foucaultiana: a compreensão de que o poder não apenas gera sistemas de domínio e que as relações para e por ele estabelecidas também podem

apresentar caracteres de liberdade e resistência, no momento em que o poder se desdobra para dentro do indivíduo (DELEUZE, 1988), possibilitando-o tomar um posicionamento ético, político e poético de si.

É exatamente pela experiência que em Foucault a História tem uma pulsão criativa. Novas concepções são trazidas à tona pela emergência de diagnósticos do presente e de uma imersão dos indivíduos seja na própria atualidade como na formação de sua própria subjetividade (FOUCAULT, 1997). Foucault nos coloca uma nova forma de pensar o sujeito, e não como um “sujeito-origem” pronto e acabado, mas colocando-o como objeto histórico e o inserindo numa implicação política, que também faz parte das transformações, dos discursos, da coletividade e das próprias práticas de si.

Assim, para o momento contemporâneo, Foucault esperava uma nova erótica, ou seja, um novo momento para a História e para os sujeitos aí produzidos e, acima de tudo, esperava que se produzissem e que concretizassem estilizações anárquicas de existência por meio de ascetes sexuais e, conseqüentemente pessoais (ORTEGA, 1999), proporcionando a vivência e a valorização de novas experiências de corporeidade e alternativas ao prazer.

Referências Bibliográficas

- ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. *História: a Arte de Inventar o Passado - Ensaio de Teoria da História*, Bauru: Edusc, 2007.
- CARDOSO, Jr, H. R. *Para que Serve uma Subjetividade? Foucault, Tempo e Corpo* In: *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 2005, p.299-306.
- _____. *Foucault e a idéia de história na estética da existência* In: *Caminhos da história* v.14.2, Montes Claros, MG, 2009.
- DELEUZE, G. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- DREYFUS, H. & RABINOW, P. *Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.
- FOUCAULT, Michael. *História da Sexualidade I: a Vontade de Saber - Rio de Janeiro: Graal*, 2006.
- _____. *História da sexualidade, 2: o uso dos prazeres*, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984, 9ª ed.
- _____. *História da sexualidade, 3: o cuidado de si*, Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985, 3ª ed.
- _____. *Resumo dos Cursos do College de France (1970-1982)*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.
- MOTTA, M. B. (Org.). *Michel Foucault: Ditos e escritos vol. II*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.
- _____. *Michel Foucault: Ditos e escritos vol. V*, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- ORTEGA, Francisco. *Amizade e Estética da Existência em Foucault*, Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda., 1999.
- RAGO, M. *O Efeito-Foucault na Historiografia Brasileira*. In: *Revista Tempo Social; Rev. Sociol. USP*, S. Paulo, 7(1-2): 67-82, outubro de 1995.
- VEYNE, P. *Como se Escreve a História e Foucault Revolucionou a História*, Brasília: Editora Universitária de Brasília, 1995.